

## Discografia breve, mas consistente

Com participação em dezenas de álbuns de terceiros, Nanci colhia, em 1995, os frutos de uma trajetória consolidada por quase dez anos de atividade ininterrupta diante dos microfones. Shows em espaços como Auditório Araújo Vianna, Salão de Atos da Ufrgs, Teatros Renascença, Sesi, Arena, Sesc, Dante Barone e São Pedro, Casa de Cultura Mario Quintana, bares Opinião, Companhia dos Sanduíches, Blue & Jazz. Festivais na Capital, Interior e Litoral. Jingles. Foi quando decidiu, enfim, lançar seu próprio disco. A estreia fonográfica se deu com o CD *Nanci Araújo* (MCK Multimídia), reunindo faixas de Lupicínio Rodrigues, Zé Caradípia, Gelson Oliveira, Fernando Corona, Lori Finocchiaro/Paulo Nequetti e Mario Scherer/Thais Colvara.

Já em *Velha Guerreira* (1997), bancado pelo Fundo Municipal de Apoio à Produção Artística e Cultural (Fumproarte), a atenção se voltou a trabalhos de Túlio Piva, Bedeu, Leleco Telles, Luiz Wagner, Wilson Ney, Nelson Coelho de Castro e Marco Farias. A discografia permanece resumida a esse

par de trabalhos, cuja disponibilidade na plataforma digital Spotify (por obra do amigo e também músico Jorge Foques) ressalta a qualidade, solidez e independência no livre trânsito da MPB ao samba, com ênfase total a compositores porto-alegrenses. Questionada sobre o prolongado hiato fonográfico desde então, ela justifica:

“A produção e lançamento de um disco envolve todo um processo recompensador e também desgastante, o que contribuiu para que eu não gravasse mais. Recentemente, pensei em investir na retomada dessa linha, com algumas de minhas 30 composições. Inclusive já gravei seis em estúdio. Mas tudo tem seu tempo, pois também sou professora e, dando aula, a voz fica complicada, então tem que ser nas férias. Antes disso, na época do primeiro CD, cheguei a receber convites de gravadoras como a Continental para fazer discos inteiros com repertório de uma compositora paulista, mas recusei porque queria manter o foco nos autores aqui da cidade”.

O também cantor e compositor Gelson Oliveira é categó-



ACERVO NANSI ARAUJO/DIVULGAÇÃO/JC



ACERVO NANSI ARAUJO/DIVULGAÇÃO/JC

rico ao adjetivar a contribuição artística da colega. “Com sua voz marcante e profundo conhecimento do cancionário popular, Nanci Araújo é uma das grandes cantoras de Porto Alegre, algo evidente em suas apresentações e CDs”, avalia. “Nos tempos da Coompor, quase que diariamente pude observar a força de uma guerreira incansável, com quem muito aprendi. Desde então, já

tive o privilégio de dividirmos o palco diversas vezes e, acompanhando seu desenvolvimento, fico muito feliz em saber que ela segue em frente com a sua missão de propagar o que há de melhor na música do País.”

Nelson Coelho de Castro complementa: “Nanci é uma fortaleza de coragem a nos inspirar. Eu não consigo imaginar o tanto que ela faz para enfrentar as situações,

inclusive as de dor, sempre de forma tão positiva. Como cantora, é dona de uma voz muito própria, de timbre e interpretação pungentes. E também uma mobilizadora que une as pessoas, ‘vamos juntos’ e tal. Era assim já no tempo que a Cooperativa patinava em alguns temas: precisávamos enfrentar determinada situação e ela puxava o cordão. Continua uma grande companheira”.



ACERVO NANSI ARAUJO/DIVULGAÇÃO/JC

Como ativista, Nanci liderou a consolidação do assentamento Utopia e Luta

## Do ativismo cultural ao social

Vivendo praticamente só da música até 2005, a “Velha Guerreira” manteve inabalada uma filosofia de trabalho sem amarras a grandes esquemas. “Ganhei um bom dinheiro como cantora, sabia o caminho das pedras. Sempre fui minha própria produtora, usando telefone, fax, secretária eletrônica e uma personagem fictícia ‘Teresinha, empresária de Nanci Araújo’ para oferecer shows a prefeituras, por exemplo”, diverte-se. “Aliás, para quem quiser me contratar, o e-mail é nanciaraujo@gmail.com” O ativismo cultural, uma de suas facetas, evoluiu para outras pautas na metade da década seguinte, com força capaz de mudar para sempre um roteiro de vida.

Naquele ano, um prédio de sete andares no Viaduto da Borges e vazio por quase 20 anos, após ser administrado pelo INSS, foi ocupado por participantes do 5º Fórum Social Mundial e do Movimento Nacional de Luta pela Moradia (MNLN). Surgiu o assentamento urbano Utopia e Luta, que posteriormente obteve do governo federal a conversão do imóvel em edifício de 42 apartamentos JK, reinaugurado em 2009 após reformas estruturais financiadas de modo pioneiro pela Caixa. Enquanto tramitava o processo de ocupação, Nanci foi convidada a cantar no local com o então companheiro Eduardo Solari, músico uruguaio e pai do único filho da

cantora - Sebastian, 23 anos, atleta profissional de remo e formado em Produção Audiovisual pela Universidade Feevale. Mais que moradora, acabou exercendo junto com Solari um papel fundamental para que a regularização do projeto se tornasse realidade. Ali residem atualmente mais de 80 vizinhos, com acesso a atividades culturais e formativas que abrangem grupo de teatro, aulas de capoeira e exibição de filmes, dentre outras ações. “Nanci é uma referência, sempre com reflexões importantes sobre gênero, afeto e respeito às diferenças”, afirma a educadora social Veridiana Farias Machado, companheira de batalhas junto a pessoas em situação de rua.

## Empreendedora de mão cheia

O engajamento a iniciativas na área do empreendedorismo cultural e social é outro ponto de convergência nas diferentes realizações de Nanci Araújo. De 2001 a 2003, manteve espaço para comércio de CDs independentes em uma das lojas do Viaduto da Borges, por meio de ação compartilhada entre a Associação dos Compositores de Porto Alegre e a Mostra de CDs Independentes – esta última,

idealizada com os também cantores Márcio Celi e Flora Almeida, chegou a reunir 180 nomes, merecendo Menção Honrosa no Prêmio Açorianos de Música. Já no térreo do edifício onde reside, um espaço anexo serviu para que Nanci instalasse uma simpática loja de bolsas artesanais e camisetas impressas pelo serigrafista Marcelo Roncato. Nanci participou, ainda, da

Associação Contraponto de Produtores de Economia Solidária, com a venda de comidas veganas em lojinha no Campus Central da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Ufrgs), Deflagrado em 2012 como atividade de extensão das Faculdades de Educação e Economia, o programa se mantém ativo. A artesã Katiucia Gonçalves conheceu a amiga por meio da militância na entidade, na qual

colabora atualmente como secretária. “Sempre disposta a construções coletivas, Nanci estimula a gente a refletir através da sua visão crítica, constrói junto e agrega com suas habilidades, partilhando inclusive conhecimentos culinários. Na época em que ela representava o movimento Utopia e Luta na Contraponto, levava pizzas veganas, muffins e combuchas, tudo uma delícia!”.



\* **Marcello Campos** é formado em Jornalismo, Publicidade & Propaganda (ambas pela PUCRS) e Artes Plásticas (UFRGS). Tem seis livros publicados, incluindo as biografias de Lupicínio Rodrigues, do Conjunto Melódico Norberto Baldauf e do garçom-advogado Dinarte Valentini (Bar do Beto). Há quase duas décadas, dedica-se ao resgate de fatos, lugares e personagens porto-alegrenses. Contato: portonoitealegre@gmail.com.